

Francisco, a sinodalidade e as implicações pastorais na Igreja do Brasil: um olhar a partir dos 10 anos de Pontificado

Francis, the synodality, and the pastoral implications in the Church of Brazil: a look from the 10th Anniversary of the Pontificate

Cesar Augusto Kuzma
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

O artigo que apresentamos faz uma reflexão sobre os 10 anos do Pontificado do Papa Francisco e procura discorrer sobre o significado de Francisco, sua visão de Igreja, reformas, sinodalidade e as possíveis implicações pastorais e desafios correspondentes. Como objetivo, o artigo traz as novidades deste pontificado e as suas principais compreensões eclesiológico-pastorais, na intenção de apontar para a percepção de Francisco na realidade da Igreja brasileira. Metodologicamente, seguiremos por uma pesquisa bibliográfica qualitativa e exploratória, atendendo as questões de forma crítica e dialogal. O trabalho apresentado se divide em três partes: os 10 anos do Pontificado de Francisco, seguindo para as ressonâncias deste pontificado na realidade latino-americana e brasileira, em especial, o que nos conduz aos desafios para a Igreja em si mesma e para aquilo que ela se projeta para fora. Este caminho nos oferece um convite para aprofundar sobre a sinodalidade e missionariedade, vistas dentro do contexto brasileiro, como dimensões constitutivas do ser Igreja.

Palavras-chave

Papa Francisco.
Igreja Sinodal.
Missionariedade.
Realidade
brasileira.
Desafios Pastorais.

Abstract

The article we present reflects on the 10th Anniversary of the Pontificate of Pope Francis and seeks to discuss the meaning of Francis, his vision of the Church, reforms, synodality, and the possible pastoral implications and corresponding challenges. The objectives are that the article brings the novelties of this pontificate and its main ecclesiological-pastoral understandings, with the intention of pointing to the perception of Francis in the reality of the Brazilian Church. Methodologically, we will follow qualitative and exploratory bibliographical research, answering the questions in a dialogical and critical way. The work presented is divided into three parts: the 10th Anniversary of the Pontificate of Francis, moving on to the resonances of this pontificate in the Latin American and Brazilian reality, leading us to the challenges for the Church in itself, and for what it projects itself to. This path offers us an invitation to go deeper into synodality and missionary dimension, seen within the Brazilian context, as constitutive dimensions of being Church.

Keywords

Pope Francis.
Synodal Church.
Missionary
Dimension.
Brazilian reality.
Pastoral
challenges.

Introdução

Estamos vivendo um tempo favorável como Igreja Católica. Hoje, quando celebramos os 10 anos do Pontificado de Francisco, olhamos para trás e percebemos muitas mudanças que aconteceram e muitos caminhos que se abriram a nossa frente. Provavelmente, ninguém esperava a renúncia do Papa

Bento XVI, em fevereiro de 2013, mas o fato é que, com ela, um novo espaço se abriu e neste espaço um novo tempo se iniciou e a tão aguardada primavera eclesial surgiu em nosso horizonte. A eleição do papa Bergoglio e a escolha do nome Francisco trazem um significado autêntico, de uma ruptura e de uma mudança. Como disse Leonardo Boff (2013) logo no início, a escolha do nome Francisco é um projeto de Igreja e hoje, passados 10 anos, percorremos e colhemos alguns frutos deste projeto-Francisco, desta novidade que avançou pela Igreja e convidou todos e todas a um novo momento, a um tempo também de esperança. De imediato, surgiram olhares e interpretações. Algumas intenções se confirmaram, outras seguem em curso. De forma bastante prática e ativa, Francisco recupera uma agenda do Vaticano II que estava meio que esquecida e traz nova vitalidade a uma Igreja que é povo de Deus. A Igreja é convidada a repensar a sua condição e a perceber que é como povo (na totalidade dos fiéis-ministérios) que ela se concebe a si mesma e caminha, que ela é missionária e toda ela é chamada a uma nova saída, em direção a todas as periferias que hoje nos interpelam (EG 20)¹. Somos tocados por uma alegria que nasce da experiência que fazemos do Ressuscitado, e esta alegria enche a vida dos discípulos e da comunidade, e ela é missionária (EG 21).

O Pontificado de Francisco é acolhido de diferentes formas no mundo todo. Todavia, sendo ele um papa fruto do Concílio e sendo ele o primeiro papa latino-americano, isto é, alguém que descende e foi formado pela visão de Igreja da América Latina, é curioso esperar a forma e o modo como se dá esta recepção em nossa realidade. Em se tratando de Brasil, um país com uma rica caminhada pastoral e de dimensão continental, a intenção de Francisco tem expressiva acolhida e traz motivação a muitas de nossas comunidades e agentes de pastoral. Em virtude disso, nossa intenção neste artigo é primeiramente refletir sobre o significado destes 10 anos de Pontificado e suas principais abordagens eclesiológico-pastorais. Depois, trazer as ressonâncias das ideias de Francisco na realidade latino-americana e

¹ Para este artigo, usaremos as siglas oficiais para fazer referência aos documentos do Magistério, a saber: *Lumen Gentium* (LG), *Gaudium et Spes* (GS), *Evangelii Gaudium* (EG), *Fratelli Tutti* (FT), *Amoris Laetitia* (AL), sendo estes os documentos citados neste artigo.

brasileira, para, enfim, apontar para os seus desafios. Como intenção última, temos como proposta amadurecer aquilo que se projeta como uma Igreja em saída e sinodal, missionária e em sinodalidade. Não como duas partes antagônicas, mas como duas dimensões constitutivas do ser Igreja.

Um olhar para os 10 anos do Pontificado de Francisco

No dia 13 de março de 2023, a Igreja Católica e o mundo celebraram e lembraram os 10 anos do Pontificado do Papa Francisco. Uma data simbólica, carregada de significados e implicações eclesiológico-prático-pastorais, como, na verdade, tem sido o caminhar deste pontificado ao longo destes anos. Entendemos que, devido a sua importância, a referência a esta data seria um ponto fundamental e necessário para começarmos a nossa reflexão e análise, tomando em consideração algumas perspectivas: (1) Francisco trouxe um olhar novo à Igreja e, assim, nos convida a um novo dinamismo eclesial-pastoral, a “uma nova etapa evangelizadora” (EG 17), a uma “Igreja em saída” e a todas as periferias (EG 20-24), sejam elas existenciais e/ou sociais; (2) Francisco é o primeiro papa fruto do Concílio Vaticano II (digamos assim) e o primeiro papa latino-americano, tendo vivido e se alimentado das riquezas produzidas pela Igreja da América Latina (de Medellín até Aparecida) e pela *Teologia del Pueblo*, caso específico na Argentina, como expressão da teologia latino-americana (SCANNONE, 2017); e, finalmente, (3) Francisco é uma voz profética e de autoridade moral na Igreja e no mundo de hoje. Provavelmente, na atualidade, ele é a única liderança em nível mundial que se opõe a pautas totalizantes, opressivas e discriminatórias e seus pronunciamentos possuem recepção em diversas localidades (sociais, políticas e religiosas) e apontam para realidades concretas e urgentes da sociedade.

Especificamente sobre a última perspectiva, o aspecto profético e de autoridade moral de seu pontificado, destacamos aqui algumas práticas assumidas por ele que confirmam esta condição à luz de diferentes temas. Em nível pastoral-social, ele tem uma atitude clara frente aos refugiados e migrantes (episódio de Lampedusa, ainda em 2013), sendo a viagem a

Lampedusa uma das primeiras ações de Francisco em direção a esta “saída”, na prática e ao que é real e urgente (KUZMA, 2021, p. 204-210). Outro elemento fundamental em seu pensamento é a recuperação da centralidade dos pobres, como primeiros destinatários do Evangelho. Seu discurso em favor dos pobres e empobrecidos pelo sistema do capital e pela injustiça social, como por exemplo, o discurso que ele realizou na Bolívia, em 2015, no encontro com os movimentos populares, é um exemplo disso (FRANCISCO, 2015). Na *Evangelii Gaudium*, também, Francisco diz que “há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG 48) - é neste sentido que ele traz os pobres novamente ao centro do debate da Igreja e dá a eles um suporte teológico e oficial em seu magistério (EG 198). Para ele, a inclusão social dos pobres é um dever de cada cristão e de cada comunidade (EG 187), um chamado que deriva da graça que habita em nós (EG 188), portanto, é evangelização, o que exige mudança de estruturas sociais e eclesiais, em atenção a este clamor (EG 188); um clamor que traz rostos sofredores que doem em nós, conforme já apontou a Conferência de Aparecida, em 2007, na qual ele (Bergoglio) esteve presente (DAp 407-430). Deste modo, conseqüentemente, a opção pelos pobres implica em construir uma “Igreja pobre com e para os pobres” (FRANCISCO, 2021a), na fidelidade ao Evangelho que nos sustenta (EG 198); vem, então, a dimensão social, como no caso dos 3 Ts: “terra, teto e trabalho para todos” (FRANCISCO, 2015). Francisco aponta para a dimensão social da evangelização, porque, para ele, “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176), e, para que isso ocorra, temos as repercussões comunitárias e sociais do querigma, pois o primeiro anúncio tem uma dimensão moral imediata: a caridade (EG 177). É por onde perguntamos: o que implica, então, esta “alegria”? Qual é o seu conteúdo? Entram aí a questão dos pobres, a questão econômica, política, social, a questão da paz e as forças necessárias para a sua construção (FT 154), bem como o diálogo como uma categoria emergente na eclesiologia de Francisco (EG 238-258; FT 198-224), percebido em ações e palavras. Temos a questão ecológica e de aquecimento global, a defesa de povos originários e suas culturas, como no caso do Sínodo (2019) e na Exortação *Querida Amazônia* (2020), apenas para trazer alguns exemplos.

Em nível mais eclesial, observamos que há uma nova forma de pastorear a Igreja e com ela o convite para a sinodalidade, que não é outra Igreja ou uma “moda”, mas uma nova forma de ser Igreja (FRANCISCO, 2021b), onde “todos e todas” são chamados à responsabilidade e onde “todos e todas” são convidados a viver autenticamente a sua vocação batismal, em um caminhar em conjunto e em esperanças que se fazem coletivas: uma “Igreja sinodal”. Para isso, Francisco resgata aspectos fundamentais do Concílio Vaticano II, em especial, a ecclesologia do Povo de Deus, da LG (cap. II), ao dizer, no n. 111 da *Evangelii Gaudium*, que a Igreja, porém,

é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus. Trata-se certamente de um mistério que mergulha as suas raízes na Trindade, mas que tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda e qualquer necessária expressão institucional.

Assim, olhando para Francisco em nível global, em um olhar maior, temos a novidade de sua pessoa e sua proposta missionária/pastoral; temos também a coragem e a liberdade com que ele trata certos temas e a liberdade com que permite que diversos temas e abordagens se façam presentes nos debates eclesiais e sinodais, mesmo quando a abordagem dessas temáticas não coincidem com o seu pensamento. Comparando com os dois últimos pontificados, este é um avanço imenso. Depois, a Igreja Católica, com o papa atual, voltou a ter uma relevância global e as decisões da Igreja ou as repercussões de suas ações ganham manchetes e debates diversos na grande mídia, em redes digitais/sociais e em grupos e comunidades. Acrescenta-se a isso o aumento da tecnologia e o uso dos meios de comunicação digitais por parte da Igreja, como um recurso de sua mensagem oficial e serviço de evangelização. Em sua postura, percebemos que em seu pontificado há alguns deslocamentos que favorecem outras intencionalidades, que antes eram desprezadas ou não observadas com tamanha atenção. Francisco não apenas convida a Igreja a ir para as periferias, ele traz as periferias ao centro e este gesto oferece outro tom aos debates e àquilo que se constrói como discurso eclesial.

Devemos dizer também que este jeito Francisco de pastorear a Igreja gera, por um lado, apreço e admiração, mas por outro, gera conflitos e uma forte e violenta oposição que se organiza de forma articulada em alguns lugares. Desde o lançamento da Exortação *Evangelii Gaudium*, em 24 de novembro de 2013, algumas vozes contrárias e ofensivas passaram a fazer parte deste processo e este cenário se tornou mais conflituoso durante as duas Assembleias do Sínodo da Família (2014 e 2015), que levou à Exortação *Amoris Laetitia*, em 2016. Com a publicação da *Amoris Laetitia* temos as chamadas *Dubias*², publicadas por um grupo de cardeais e que tenta trazer desconforto ao papa e uma certa desestabilização eclesial. Isso segue com o passar dos anos, principalmente com o planejamento e discussões sobre a reforma da estrutura da Cúria Romana e temas de sinodalidade. Mais tarde, com o Sínodo da Amazônia e, de forma mais recente, com o Sínodo da Sinodalidade e já mirando a um possível fim do pontificado, estes embates ficaram mais fortes e frequentes. Esta oposição pode ser percebida de três maneiras específicas, conforme se pode sublinhar (KUZMA, 2017, p. 338): 1) modo explícito, por autoridades episcopais e outras lideranças; 2) na recusa de suas propostas; 3) na indiferença e na falsa recepção de sua palavra. Observamos este movimento, sobretudo de modo explícito, mais nos EUA e na Europa, embora na América Latina e no Brasil essas vozes contrárias também se fazem presentes, percebidas mais na recusa e na indiferença quanto aos avanços propostos. De fato, Francisco gerou esperanças e suas atitudes iniciais fizeram despertar um sentimento de primavera eclesial que estava recluso.

² Em 19 de setembro de 2016, quatro cardeais (Walter Brandmüller, Joachim Meisner, Carlo Caffarra e Raymond Burke) escreveram ao Papa Francisco uma carta, na qual relatam cinco pontos, cinco dúvidas (*dubias*) sobre a *Amoris Laetitia*. Como o papa não respondeu ou teve com eles qualquer audiência, estas *dubias*, intencionalmente, se tornaram públicas em 14 de novembro do mesmo ano. Na verdade, este movimento foi entendido como uma tentativa de intimidação contra Francisco. As *dubias* remetem a aspectos do Capítulo VIII da Exortação e questionam a intenção pastoral de Francisco de acolher e de oferecer algo concreto a casais/famílias e pessoas em situações, chamadas de “irregulares”. As aspas aqui colocadas são próprias do documento *Amoris Laetitia* e trazem uma intenção teológica-pastoral, a fim de demonstrar que esta suposta irregularidade é uma condição canônica, nem sempre real e verdadeira, e que a Igreja, numa disposição pastoral e inclusiva, deve estar aberta para acolher, acompanhar e discernir estas realidades, em suas respectivas fragilidades. Sobre isso e demais implicações e reações, indicamos a obra organizada por Ronaldo Zacharias e Maria Inês de Castro Millen, que reúne artigos de estudiosos de todo o mundo sobre este tema. O título é sugestivo e o livro foi lançado em meio às comemorações dos cinco anos da publicação da Exortação Apostólica: *Discernimento moral e benignidade pastoral*: para além das incompreensões e resistências à *Amoris Laetitia* (2021).

Passados 10 anos, muita coisa mudou e novos cenários e atores se fazem presentes. Lideranças conservadoras que antes faziam parte da Cúria Romana e ocupavam altos cargos, hoje já não se fazem tão presentes, pelo menos nos cargos de liderança vaticana. Há uma mudança em relação a estes movimentos eclesiais e novas vozes, algumas femininas, outras teológicas e de periferias passam a ocupar este cenário. Evidentemente que há limites em Francisco, como pessoa, bem como na sua ação e legado que vai se construindo com os anos; algo totalmente normal e que também neste aspecto corrobora para uma certa dessacralização do papado, que em si mesma faz bem à Igreja. Passados 10 anos, aquela primavera ainda é esperada e, mesmo que se sinta o frescor de mudanças e reformas, muita coisa ainda fica sem resposta (ou está em projetos, estudos/discussões). Bons passos foram dados, como a reforma da Cúria Romana e o acento forte à evangelização, mas outros ainda são necessários e tudo leva a crer que ainda há um tempo para se construir tudo isso, um tempo que deve ultrapassar este pontificado. “O tempo é superior ao espaço”, disse Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG 222), e este é um de seus princípios. Muitas respostas ainda são aguardadas e observamos que em seu modo de pastorear ele parece criar processos para que estas respostas sejam discernidas, meditadas, construídas e acompanhadas pelas comunidades, podendo ter diferentes respostas em diferentes lugares onde o Evangelho é apresentado; e isso não é necessariamente um problema (AL 3), pois faz parte do caminho pastoral, sinodal e do contexto sociocultural de cada comunidade, em suas específicas realidades. Não há respostas prontas para uma Igreja que necessita caminhar rumo a uma maturidade eclesial e que esteja atenta aos sinais dos tempos, a fim de oferecer uma voz verdadeira e legítima para os nossos dias.

Neste momento em que se celebram 10 anos do Pontificado de Francisco e 10 anos da publicação da Exortação *Evangelii Gaudium*, como um convite a uma nova ação evangelizadora da Igreja e de portas abertas ao mundo, às periferias e de maneira sinodal, em um caminhar juntos, o tempo, como um *kairós*, nos interpela e nos convida a algo novo, a uma nova missão. Para Francisco, este é um tempo em que a Igreja deve ter uma postura em que ela “não se alheie da vida, mas cuide das fragilidades e pobreza do nosso

tempo, curando as feridas e sarando os corações dilacerados com o bálsamo de Deus” (FRANCISCO, 2021b). Ele segue, no mesmo discurso: “Não esqueçamos o estilo de Deus que nos deve ajudar: proximidade, compaixão e ternura” (FRANCISCO, 2021b). Esta deve ser uma Igreja em saída e sinodal.

Ressonância do Pontificado de Francisco na América Latina, especificamente no Brasil

A resposta desta ressonância é imediata, pois, desde o primeiro momento, Francisco ofereceu à Igreja e ao mundo um novo olhar do pastor, sensível e simples para com essas realidades. A relação Brasil e Argentina também ajudou, pois Francisco demonstra conhecer e apreciar o Brasil (seja pelo futebol ou por questões políticas, sociais e culturais), também a experiência vivida por ele em Aparecida (2007) foi um marco importante. De Aparecida, percebemos que uma Igreja de discípulos missionários faz parte do vocabulário de Bergoglio e ele leva esta perspectiva à Igreja universal (EG 119-121). Outro ponto importante foi a viagem que ele fez à JMJ no Rio de Janeiro, em 2013, onde pôde sentir o calor afetuoso do povo brasileiro, em especial da juventude, dando a ele, no seu início, um encorajamento e apoio necessários. Ainda nesta realidade, não se ignora a experiência amazônica (seja pelo Sínodo seja pelo documento *Querida Amazônia* e a abordagem ambiental da *Laudato Si'*) e a sensibilidade demonstrada por ele com os nossos problemas políticos e sociais, desde o impeachment de Dilma Rousseff (2016), passando por realidades e questões sociais que afligem o povo brasileiro, até a eleição de Lula, em outubro de 2022.

Um aspecto positivo que trazemos à mente é o ânimo que Francisco trouxe às nossas comunidades e agentes de pastoral, um chamado para um novo tempo, a uma nova etapa eclesial. A partir de suas palavras, gestos e documentos, houve um fortalecimento de nossas ações pastorais e sociais, muitas delas como base da Igreja Católica do Brasil. Destacamos aqui a mensagem que ele fez para o Ano do Laicato (2018), para os Encontros Intereclesiais das CEBs, para as Assembleias Gerais da CNBB e para as

Campanhas da Fraternidade. As pessoas se sentem próximas a ele e há em Roma, agora, um papa diferente, um papa que parece reproduzir e repetir aquilo que por algumas décadas e anos foi pregado, praticado e insistido por nossas lideranças e pela nossa teologia [da libertação]. Há um encorajamento para a questão dos pobres e para as urgências sociais (AQUINO JUNIOR, 2021, p. 50-53), como a mensagem enviada para o lançamento da Campanha da Fraternidade de 2023, quando ele fala em ações concretas, de consciência e atitudes, não apenas em uma campanha, mas sempre, em um compromisso constante com o Cristo presente em todo aquele que passa fome (FRANCISCO, 2022), vítima de uma sociedade excludente. Em uma carta enviada ao Cardeal Marc Ouellet, em 2016, e por ele destinada a toda América Latina, Francisco faz a memória da luta de muitas lideranças leigas pela redemocratização do continente e destaca o papel frutuoso de muitas mulheres (FRANCISCO, 2016). Isso se pode dizer também em relação aos jovens, como o discurso realizado por ele em Mangueiras/Rio de Janeiro, durante a JMJ: “nunca desanimem, não percam a confiança, não deixem que se apague a esperança” (FRANCISCO, 2013a). Se há aqui um continente de esperança, o papa pede que não deixemos que nos roubem a esperança. Se há no Brasil a força de nossa alegria, então que essa alegria se realize com o Reino que somos chamados a construir, com justiça, igualdade e paz social.

É justo valorizar a originalidade dinâmica que caracteriza a cultura brasileira, com a sua extraordinária capacidade para integrar elementos diversos. O sentir comum de um povo, as bases do seu pensamento e da sua criatividade, os princípios fundamentais da sua vida, os critérios de juízo sobre as prioridades, sobre as normas de ação, assentam, fundem-se e crescem numa visão integral da pessoa humana (FRANCISCO, 2013b).

Todavia, também aqui no Brasil podemos ver algumas dificuldades. São pontos que refletem os 10 anos deste pontificado e nos tocam de modo atual, trazendo consequências e desafios que não são fáceis de serem superados. Sim, os avanços e entusiasmos com Francisco são muitos e ele é um bem à Igreja. Fato. Porém, também aqui há resistências e grupos que apostam contra ele. Diferentemente do que ocorre nos EUA e na Europa, não vemos no Brasil uma oposição explícita, a não ser de grupos ultrarreacionários, mas sim, vemos aqui no Brasil aquilo que caracterizamos acima como duas outras

formas de se fazer oposição ao papa: a recusa de sua proposta e a indiferença ou falsa recepção de sua palavra. Somos um país continental, com uma grande população católica, com milhares de sacerdotes e mais de 400 bispos (326 ativos e 157 eméritos)³. Temos no histórico da Igreja do Brasil os avanços críticos e reflexivos trazidos pela teologia conciliar, das Conferências Gerais do CELAM, pelos documentos da CNBB e pela Teologia da Libertação, que teve no Brasil uma condição muito criativa e de extensão às pastorais. Todavia, também temos aqui vozes contrárias em relação ao Concílio e negativas ao que nos trouxe a Teologia da Libertação, e para com a CNBB e demais organismos eclesiais. Temos no Brasil um uso massivo de grande parte da mídia católica, em geral conservadora e intimista, por vezes devocional e sem criticidade, que faz com que os grandes avanços e as grandes novidades de Francisco, da CNBB, do CELAM e do próprio Vaticano II passem ao longe; uma espécie de magistério paralelo, o que traz obstáculos à sinodalidade (PASSOS, 2023). Este também é um fato.

Este fenômeno, que busca silenciar vozes que buscam avançar, ocorre de modo diferente em cada região e diocese, é verdade, mas é um dado verdadeiro. Se pelos anos 90 e 2000 tivemos um grande levante e acento dos grupos e movimentos carismáticos católicos, em anos recentes, o que vemos com mais força é o crescimento de grupos tradicionalistas, ultraconservadores, que recusam tudo o que vem após o Vaticano II. Como consequência, toda a ação crítica, construtiva, pastoral e sugestiva da Igreja do Brasil é demonizada e violentamente atacada, seja em redes sociais, canais de internet, ou mesmo em comunidades. Alguns grupos possuem grandes entradas em espaços eclesiais e de mídia, outros recebem certo apoio ou indiferença das autoridades eclesiásticas e atuam livremente, mesmo discursando contra a própria Igreja. Este fenômeno foi apresentado aos bispos, na Análise de Conjuntura Eclesial e Social (2023), durante a 60ª Assembleia Geral da CNBB. Além das mídias, podemos ver este fenômeno muito forte em meio aos jovens e nos seminários, sendo, em muitos lugares, a

³ Dados de 14 de abril de 2023, em preparação para a 60ª Assembleia da CNBB. Fonte: <<https://www.cnbb.org.br/cnbb-divulga-dados-atualizados-do-episcopado-no-brasil/>>. Acesso em 10/06/2023.

base com a qual se formam os futuros sacerdotes (BRIGHENTI, 2021), trazendo um novo rosto ao catolicismo brasileiro, também vindo das e para as comunidades (BRIGHENTI, 2023). Este movimento concretiza as críticas a Francisco e impedem que sua proposta de Igreja em saída e sinodal se torne uma realidade, por mais que se fale nelas e sobre elas. Muitas vezes são jargões, palavras soltas, mas de uma árvore que não produz frutos, ou os frutos pretendidos

Não queremos dizer com isso que não possa haver críticas ao papa e a sua forma de governar. Entendemos que sim, e elas fazem parte, quando são construtivas, dialógicas e feitas em um amor fraterno e em comunhão. Faz parte do viver em comunidade e de uma Igreja que busca a maturidade da fé esta crítica responsiva e autêntica, no intuito de fazer crescer, de ajudar o outro/outra que conosco congrega e serve. Inclusive, na própria *Evangelii Gaudium* Francisco acena para uma “conversão do papado” (EG 32) e, em seu ministério, ele tem incluído outras vozes, o que indica outra maneira de exercício e representação papal. Como dissemos, há avanços em Francisco, mas também há limites em sua pessoa e em sua percepção, o que é normal, é humano. Há muitos pontos e pautas que mereceriam uma atenção maior e uma dedicação e o tempo futuro pode favorecer a isso, seja na questão eclesial, pastoral, seja em temas de gênero, no papel das mulheres e em uma resposta mais efetiva contra o clericalismo e suas estruturas etc., por mais que em muitos destes aspectos visualizamos um avanço significativo em relação aos pontificados anteriores. Mas são processos, processos que se abrem e que somos chamados a avançar e a continuar.

O que reproduzimos acima sobre o conservadorismo católico e a influência e presença destes grupos nos espaços de mídia vem como um grande desafio, pelo fato de este movimento ter crescido em nosso meio e, talvez (e aqui precisaria um estudo mais aprofundado), não demos a devida importância e atenção necessárias (CARRANZA, SANTOS, JÁCOMO, 2021). Muitas vezes, o que vemos são ações agressivas que, juntamente com a pauta eclesial unem a pauta política e de costumes e se enveredam por linhas perigosas e danosas à democracia e a paz social (KUZMA, 2019). No caso

específico do Brasil, observamos que há certa sintonia de pensamento e opções por quem recusa Francisco, o Concílio, a CNBB e as demandas sociais para com grupos políticos de extrema-direita, violentos, em linguagem excludente, racistas, homofóbicos e em propagadores de ódio e Fake News (ver Análises de Conjunturas da 60ª AGE da CNBB, 2023). Trata-se de um cenário perigoso e isso tudo vai além do fato de alguém ser conservador. Estamos diante de um fato de não diálogo e de palavras e ações totalmente dissonantes com o Evangelho, por mais que se apresentem com roupagens católicas e tradicionais... Diante destes desafios, temos aquilo que Francisco de Aquino Junior (2021, p. 96) chama da urgência de “recuperar o projeto de Jesus”, pois “toda autêntica renovação da Igreja consiste em uma volta a Jesus e a seu Evangelho, em cujo centro está o amor de Deus pela humanidade e sua compaixão e misericórdia pelos pobres, marginalizados e sofredores”. Quando olhamos para alguns dos eventos acima, deste conservadorismo agressivo e a manipulação política e religiosa da fé, o que temos é um afastamento desta causa primeira, da qual a Igreja deveria seguir e prosseguir como sacramento (LG 1). Para Aquino Junior, essa é a fonte permanente de renovação e de compromisso da Igreja, e há no projeto eclesial-pastoral deste pontificado essa intenção, algo a se buscar e a se construir, coletivamente.

Seguindo com a reflexão, percebemos que um ponto crítico em relação a Francisco na Igreja do Brasil e que ganha grande consenso nas bases pastorais é com relação as nomeações episcopais. Se, em algumas regiões, há boas nomeações e elas se fazem proféticas e somam com a causa de uma Igreja em saída e missionária, há, em outros casos, uma tendência mais carreirista e clericalizante de todo processo eclesial, o que demonstra que a agenda do papa passa um tanto distante destas determinações e nomeações. Por mais que se crie uma atitude que anime as comunidades e encoraje o surgimento de novas lideranças e novas experiências eclesiais, as estruturas que geram tais nomeações ou governanças eclesiais, em certos lugares, trazem dificuldades. Não é de hoje que a questão do poder na Igreja é um tema urgente, e acreditamos que essa condição deve ser levada em conta e deve ser debatida. Sem contar o fato das Igrejas locais, quando as lideranças

eclesiásticas não se empenham nos temas emergentes, como a sinodalidade, questões de pastoral, os temas da campanha da fraternidade ou outras pautas públicas (e até oficiais da CNBB) que reclamam da Igreja uma atenção necessária. Isso só demonstra que o clericalismo ainda é uma chaga presente e que tem muita força na Igreja do Brasil. Como disse Francisco (2018), em “carta ao Povo de Deus”, o clericalismo é a causa de muitos outros males e sem esta superação a Igreja não avança em outras frentes e possibilidades. A este mal se deve dizer “energicamente não” (FRANCISCO, 2018). “O clericalismo causa um desvio da missão da Igreja, que deixa de ser de serviço e se transforma em uma estrutura de poder” (KUZMA, 2023, p. 212). Uma Igreja clericalizada é o oposto de uma Igreja sinodal. Uma Igreja clericalizada é autorreferencial, portanto, nunca será uma Igreja em saída. Uma Igreja clericalizada nunca olhará para a necessidade de reforma de suas estruturas, pois essas mesmas estruturas alimentam, favorecem e formam para o clericalismo. Este é um grande desafio e por mais que haja na Igreja do Brasil um enorme respiro pastoral e missionário, e isto é uma verdade, muito mais do que em outros países, em alguns lugares, o problema do clericalismo é constante e ele impede avanços e desconstrói processos, descontinua e desanima lideranças, corrompe e destrói comunidades.

Uma resposta frente a este mal pode ser encontrada na própria história e tradição eclesial/pastoral brasileira, já que há uma rica história da Igreja do Brasil, tanto em lideranças eclesiásticas como Dom Hélder Câmara, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Luciano Mendes de Almeida, Dom Pedro Casaldáliga e outros, como em lideranças leigas e religiosas, como Dorothy Stang, Zilda Arns, Irmã Dulce e tantas outras, sendo algumas conhecidas e outras anônimas, porém, autênticas testemunhas do Evangelho. A Igreja do Brasil é o que é e tem o respeito que tem pela história de pessoas que deram e dão a vida pelo Reino. O Brasil também é um país de mártires e a fé cristã-católica pulsa em nossas bases e periferias, alimentadas por um solo sagrado. Dentro desta condição, se a proposta atual nos convida a uma alegria e a uma nova esperança, para muitos, esta alegria e esperança já eram companheiras de caminhada, e agora, com Francisco, encontram um apoio e um respeito. Este é o grande legado, é a grande história, e ela deve ser encorajada frente aos

novos e grandes desafios. Um fato é: Francisco oferece elementos construtivos para a Igreja do Brasil e para toda dinâmica eclesial/pastoral que se queira colocar em linha com o Evangelho. Nunca um papa nos foi tão próximo. Aproveitar isso e intensificar é uma tarefa inadiável. Se como exercício recordássemos a sua fala no dia da sua eleição, quando ele diz que veio do “fim do mundo”, este fim tem uma conotação geográfica sim, do Sul e aquilo e as forças decoloniais que esta realidade representa, mas também tem uma conotação escatológica, quando este fim antecipa uma novidade que já se experimenta. Bia Gross, em sua dissertação de Mestrado desenvolve um raciocínio a partir desta intenção, ao dizer: “um papa do fim do mundo, uma teologia do terceiro mundo e uma Igreja para o mundo” (GROSS, 2018). Há em Francisco muita coisa ainda para se descobrir.

Para onde vamos: desafios urgentes e atuais da Igreja do Brasil - no caminho da sinodalidade e de uma Igreja em saída

Na intenção de trabalhar sobre as implicações pastorais que surgem para a Igreja do Brasil, na linha de Francisco, destacaremos desafios que apontam para (1) a Igreja em si mesma, em sua compreensão, condição e estrutura, e (2) naquilo que ela se projeta para fora, em sua missionariedade e de forma atenta às novidades trazidas por este pontificado. É o que nos coloca no caminho da sinodalidade e de uma Igreja em saída. Este pensar de uma Igreja sinodal e em saída exige, primeiro, um retorno e um reconhecimento de caminhos já percorridos, como uma memória agradecida daquilo que trazemos da recepção das Conferências Gerais do CELAM e dos caminhos pastorais realizados aqui no Brasil. Esta intenção sinodal e em saída exige também uma condição de uma Igreja de sujeitos e de uma Igreja sujeito, como afirma Gilles Routhier (2016, p. 239), ao falar da via sinodal como proposta de renovação eclesial, com a efetiva participação de todos e todas. Assim, em abertura ao novo que se apresenta somos convidados a caminhar com coragem, ousadia e alegria (EG 24), impulsionados por uma esperança que transforma e nos faz antever os sinais do Reino de Deus.

Desafios da Igreja para si mesma

Quando, frente aos 10 anos do Pontificado de Francisco e daquilo que este momento de Igreja representa, nós, em nível de América Latina e, principalmente, em nível de Brasil, somos obrigados a colocar as seguintes perguntas: o que queremos com e para a Igreja do Brasil? O que trazemos de nossa história, como caminhada de luta e de realizações, em favor dos pobres, pela justiça, pelo bem comum, pela paz, pela igualdade, em defesa da democracia e de direitos humanos e sociais? O que trazemos como experiência comunitária, de evangelização e de participação ativa de homens e mulheres em diversos espaços eclesiais/pastorais e em uma rica forma de abrangência ministerial? Que voz somos e que voz queremos ser e ter, diante daquilo que nos corresponde a partir da fé e que nos coloca em constante missão? Acreditamos que estas perguntas se fazem importantes porque o projeto-Francisco, digamos desta forma, encontra na prática eclesial-pastoral brasileira uma ressonância tamanha que gera, sobretudo nas nossas bases, uma grande identificação. Há, em certos lugares, um respiro para a caminhada e, assim, um fortalecimento de algo que já vinha sendo realizado e vivenciado, tanto na participação ativa de todos e todas quanto no agir comprometido em prol da justiça e do bem-comum, no sentir da comunidade e no sentir da realidade que nos interpela e nos desafia constantemente. Desde as experiências da Ação Católica, passando para a recepção do que foi o Vaticano II e Medellín, das demais Conferências (até Aparecida) e práticas da CNBB, dos organismos e assembleias do Povo de Deus, da experiência das CEBs e demais pastorais, podemos dizer que há no Brasil uma rica vivência sinodal e de uma Igreja em saída, por mais que estes nomes não fossem utilizados e sejam novos. Contudo, a dinâmica de comunhão, fraternidade e o ardor missionário sempre fizeram parte de uma extensão significativa da Igreja Católica do Brasil e esta parcela da Igreja acolhe de maneira agradecida as intenções que chegam de Francisco e de seus documentos e orientações.

Em outros lugares, há e/ou se espera a acolhida ao novo e neste novo um convite para repensar aspectos estruturais que impedem a Igreja de viver plenamente esta saída e este caminho sinodal. Com Francisco, se espera uma conversão de aspectos ministeriais que venham a favorecer a íntima comunhão entre os membros, no pensar e planejar de responsabilidades que são comuns, no horizonte do serviço e de uma fé que seja capaz de dialogar e oferecer algo novo ao mundo em que vivemos e para o qual respondemos na fé. Esta atenção implicará uma mudança na forma de administração de nossas comunidades e pastorais, no repensar de nossos aspectos e processos formativos (para todas as vocações e em diversos níveis), na atuação de agentes de pastorais e no papel que corresponde à Igreja no espaço público. Além disso, conforme já dissemos na segunda parte deste artigo, há também no Brasil aqueles e aquelas que se opõem a este pontificado, talvez não tão explicitamente, como ocorre em outros países, mas que criam uma espécie de distanciamento e um certo “cisma” contido em suas práticas, uma vez que não caminham e não têm a intenção de um caminhar em comunhão.

Independente de qual seja a posição que ocupamos na Igreja e a condição em que estamos frente ao evento que vem de Francisco, o fato é que estamos diante de um papa de reformas e as mudanças estruturais são necessárias para que a Igreja reencontre e se fortaleça naquilo que é a sua base fundamental, o Evangelho. João Décio Passos (2018, p. 275-277) diz que esta reforma oferece parâmetros que não podem ser ignorados: (a) a recuperação da vida comunitária; (b) a saída da Igreja em direção às periferias; (c) a opção pelos pobres; (d) a inculturação como processo de renovação daquilo que é incorporado pela Igreja ao longo da história; (e) o princípio-misericórdia. Quando olhamos os desafios que chegam à Igreja e a fazem olhar para si mesma, estas questões são urgentes e necessárias. Algo próximo também foi dito por Spadaro e Galli (2016, p. 9-14), em uma obra organizada sobre a reforma e as reformas de Francisco: (a) a reforma como conversão missionária, (b) como proposta sinodal e (c) como revolução da misericórdia. Olhando para a Igreja do Brasil, vemos que alguns passos já foram dados, mas outros ainda se fazem urgentes e necessitam ser construídos. O tempo hoje é favorável para estas mudanças.

Desafios da Igreja para fora

Um dos primeiros aspectos trazidos pelo Papa Francisco em seu ministério e, de forma explícita na *Evangelii Gaudium*, é a proposta de uma “Igreja em saída”. Este dinamismo, segundo Francisco, implica que hoje todos nós somos chamados a esta nova saída missionária, cada qual pela sua vocação e na realidade em que está inserido e se vê interpelado pela causa do Reino de Deus. Ele diz: “Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20). Palavras-chaves aqui: todos (e todas), cada comunidade, discernir, coragem para sair; isso deve ser feito com ousadia, e se deve arriscar (EG 24). Ele insiste: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49). Esta ideia de uma saída, este reforço e acento ao aspecto missionário, com o alerta para que a Igreja não se preocupe em ser o centro, mas que esteja disposta a ir ao encontro das realidades que nos desafiam encontra no Evangelho de Jesus o seu principal fundamento, quando Jesus, na sinagoga, usando o texto de Isaías, diz: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça ao Senhor” (Lc 4,18-19). Este texto dá o tom do ministério de Jesus, que de modo ordenado é inserido por Lucas no início do seu Evangelho. Da mesma forma, a ideia de uma Igreja em saída, que é, portanto, fiel à condição do Evangelho, dá o caminho da Igreja no seu aspecto missionário atual. Esta condição missionária, de saída, em direção ao mundo, para fora, tem base no texto da *Gaudium et Spes*, que afirma que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1).

Esta é a base que sustenta e que deve animar a caminhada da Igreja, a sua missão, a sua saída, que, na realidade brasileira tem desafios imensos e que merecem uma aproximação e diálogo. De maneira prática, somos impelidos a (a) discutir e a repensar o papel político da Igreja Católica do Brasil e as relações institucionais que ela possui com as instituições democráticas, uma condição que se viu abalada nos últimos anos; (b) ampliar o diálogo entre fé e política, em atenção à laicidade do estado, a garantia democrática, observando o ensino social da Igreja e demais questões; (c) garantir o trabalho da Igreja Católica na Amazônia e com os povos originários, na intenção de favorecer a proteção do meio ambiente e em defender a cultura, religião e os direitos destes povos, o mesmo em relação à população negra, no combate ao racismo e na proteção de comunidades quilombolas; (d) fomentar o trabalho da Igreja Católica nas periferias e nas áreas de grande vulnerabilidade: o trabalho institucional (organismos), de pastorais e de agentes de pastoral, o diálogo com outras instituições e organismos que também atuam nestes espaços, a fim de garantir a vida, os direitos e a liberdade - a evangélica e profética opção pelos pobres; (e) intensificar a posição da Igreja frente a exploração da terra e práticas de mineração; (f) ampliar e dialogar com os espaços de educação, a fim de promover uma educação integral e libertadora, em todos os níveis; (g) aumentar a presença e postura de diálogo e abertura nas diversas frentes ecumênicas e de diálogo inter-religioso, na proteção das pessoas e na questão do estado laico; (h) atenção aos migrantes, refugiados e vítimas do trabalho escravo e de todo tipo de exploração; (i) ser presença ativa na garantia, proteção e promoção dos defensores de Direitos Humanos; (j) favorecer um reencantamento com a política, entendendo a mesma como um exercício de caridade, como ponto de construção do bem-comum; (k) discernir o uso das mídias digitais e a comunicação da Igreja; (l) fazer memória e fazer valer a experiência ativa e viva da histórica das nossas comunidades e pastorais, CEBs, pastorais de juventude, pastorais sociais, etc. A Igreja Católica no Brasil tem um histórico de uma presença ativa e esta condição favorece e ajuda a intenção de uma Igreja em saída. Aqui, nos exemplos acima, trazemos apenas uma indicação de horizontes para os quais se destinam a nossa saída, algumas periferias que

nos cercam e nas quais estamos inseridos. O desafio da Igreja do Brasil em suas muitas frentes pastorais, animadas e impulsionadas por este evento e momento com o Papa Francisco, é abrir espaço de diálogo e de cooperação, para que o mundo em que vivemos seja tocado e transformado na ótica do Reino de Deus, que, como se diz no Documento de Medellín, é “justiça, amor e paz” (DM 1,3), em tudo e para todos e todas. Todas estas propostas e horizontes de ação são e devem ser tocadas e motivadas pela experiência que fazemos do Ressuscitado, fonte de toda a fé, da esperança e do amor.

Nos últimos anos, os ataques à democracia e aos direitos dos mais pobres e vulneráveis se tornou uma ameaça constante no Brasil. Passado este tempo, ainda há muito para se construir e a presença ativa de agentes de pastoral, de organismos da Igreja Católica e o fortalecimento de nossas comunidades pode favorecer este recomeço, que é vital. A Igreja em saída é destinada às periferias e devemos estar atentos para ver e escutar as vozes e gritos que surgem destas periferias, reconhecê-las e ir ao seu encontro, pois é nelas e por meio delas que compreendemos a esperança e suas implicações. É nelas e em meio a elas que encontraremos o Ressuscitado, conforme explicitou a Conferência de Aparecida: “no reconhecimento dessa presença e proximidade e na defesa dos direitos dos excluídos encontra-se a fidelidade da Igreja a Jesus Cristo. O encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo” (DAp 257).

Considerações Finais

Desde o início deste artigo, quisemos remarcar os temas da Igreja sinodal e em saída, fortemente presentes no pontificado atual e que surgem como um convite para a práxis de toda a Igreja. Refletimos também o modo como esta abordagem se faz presente na América Latina e no Brasil. Sabemos que muitas são as experiências e que estas vivências são escolas de formação e de espiritualidade que nos ensinam a seguir por este caminho. Todavia, por mais que haja situações, é necessário ter a consciência de que estamos diante de uma realidade nova e esta nos interpela na fé e em tudo aquilo que

decorre e surge como implicações pastorais. Uma Igreja em sinodalidade é uma Igreja em caminho, porém, observamos que nem a Igreja nem o caminho estão prontos. É necessário, pois, construir, aprender, abrir a mente e o coração para que esta nova possibilidade aconteça. É necessário perguntar por qual Igreja deve sair, para que saíamos de forma aberta e livre, dispostos a seguir o caminho do Reino, prosseguir sua causa e construir os passos para o seu horizonte, que é vida, justiça, liberdade, igualdade, fraternidade, paz, tudo isso em meio ao amor que nos consome e se realiza em nós.

Existem no Brasil muitas realidades que precisam ser tocadas por esta novidade, em um convite a uma conversão pastoral, no afastar de práticas e estruturas que nos impedem de servir e de avançar na causa que nos sustenta e no horizonte que buscamos. Há muito para acolher, daquilo que vem do Vaticano II, das Conferências, da CNBB e demais organismos, da riqueza da nossa teologia e daquilo que, nos últimos 10 anos, aprendemos e acolhemos de Francisco. Francisco é um dom, é um bem à Igreja. Há nele e em seu ministério um convite à sinodalidade e da sinodalidade à missão. Há nele e em seu ministério um convite à missionariedade e da missionariedade a uma Igreja sinodal. Não são duas realidades antagônicas, mas duas condições que se fazem presentes e que constituem a Igreja, que somos nós e que somos garantidos pelo Espírito de Deus, que nos traz a memória e nos coloca no seguimento de Jesus, onde o Reino é acolhido e vivenciado. Há uma riqueza que podemos acolher da experiência do caminho sinodal, dos processos de escuta e daquilo que recebemos da proposta continental e daquilo que acolhemos como frutos da Primeira Assembleia Sinodal deste Continente, realizada em 2021. Nada está pronto, tudo é aberto, tudo é livre, como livre e aberto é o Evangelho, na novidade que nos interpela e nos remete a algo a mais, de forma comunitária e em missão. Sinodalidade e missão.

Estes 10 anos de Pontificado de Francisco nos fazem olhar para trás e ver aquilo que construímos, que passos foram dados e que realidades ainda devemos construir. Estes 10 anos de Pontificado nos fizeram viver uma experiência de primavera, no perceber de que a Igreja pode ser leve e que a sua essência se faz viva no contato com o que é real e concreto na vida das

peessoas. Estas são as periferias, e estes são os horizontes de toda a saída. A Igreja do Brasil tem uma rica trajetória e uma criativa experiência pastoral. Somos um espaço favorável para o acolhimento desta proposta e para a busca de suas inquietações. Sabemos que não é fácil, sabemos que o novo também incomoda e que as resistências aparecem. No entanto, a sinodalidade se faz caminhando e ela busca a unidade na diversidade. A missão se faz no serviço, no desprendimento e na intenção de fazer com que o Reino de Deus aconteça. Terminamos esta reflexão com o convite deixado por Francisco na Fratelli Tutti: “Caminhemos na esperança!” (FT 55). Sim, há muito a caminhar, há muito para esperar. Que a alegria do Evangelho nos anime, sempre!

Referências

- AQUINO JUNIOR, Francisco. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo, Recife: Paulinas, UNICAP, 2018.
- AQUINO JUNIOR, Francisco. *A Igreja de Jesus: missão e constituição*. São Paulo: Paulinas, 2021.
- BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2013.
- BRIGHENTI, Agenor (Org.). *O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- BRIGHENTI, Agenor (Org.). *O novo rosto do catolicismo brasileiro: clero, leigos, religiosas e o perfil dos padres novos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- CARRANZA, Brenda; SANTOS, Renan William dos; JÁCOMO, Luiz. Dimensões religiosas da radicalização política no Brasil contemporâneo. *Plural*, São Paulo, v. 28.1, p. 5-16, jan./jun., 2021.
- CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín - 1968*. Trinta anos depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 1998.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CNBB. Dados da Igreja do Brasil. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/cnbb-divulga-dados-atualizados-do-episcopado-no-brasil/>>. Acesso em: 10/06/2023.
- FRANCISCO. *Amoris Laetitia*. São Paulo: Loyola, 2016.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. *Laudato Si'*. São Paulo: Loyola, 2015.

FRANCISCO. *Querida Amazônia*. São Paulo: Loyola, 2020.

FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. Participação ao II Encontro Mundial dos Movimentos Populares. Bolívia, 9 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html>. Acesso em 12/05/2023.

FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco à Delegação da “Communauté du Chemin Neuf”. Cidade do Vaticano, 30 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/april/documents/papa-francesco_20210430_chemin-neuf.html>. Acesso em 12/05/2023.

FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco. Momento de reflexão para o início do percurso sinodal. Cidade do Vaticano, 9 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>>. Acesso em: 12/05/2023.

FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco aos fiéis brasileiros por ocasião da Campanha da Fraternidade 2023. Roma, 21 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2023/documents/20221221-messaggio-fraternita-brasile.html>>. Acesso em: 13/05/2023.

FRANCISCO. Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina. Vaticano, 19 de março de 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html>. Acesso em: 13/05/2023.

FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. Visita à Comunidade de Varginha (Manguinhos). Rio de Janeiro, 25/07/2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130725_gmg-comunita-varginha.html>. Acesso em: 13/05/2023.

FRANCISCO. Discurso do Santo Padre. Encontro com a classe dirigente do Brasil. Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-classe-dirigente-rio.html>. Acesso em: 13/05/2023.

FRANCISCO. Carta do Papa Francisco ao Povo de Deus. Cidade do Vaticano, 20/08/2018. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/pa-pa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.html>. Acesso em: 13/05/2023.

GROSS, Beatriz. *Um papa do fim do mundo, uma teologia do terceiro mundo e uma Igreja para o mundo*, 2018 (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

GRUPO DE ANÁLISE DE CONJUNTURA PE. THIERRY LINARD - CNBB. Os grandes desafios da sociedade brasileira - uma análise de conjuntura. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/analisedeconjuntura/>>. Acesso em 13/05/2023.

INAPAZ - CNBB. Análise de conjuntura eclesial. As ameaças à comunhão eclesial no contexto de polarização sociopolítica, cultural e religiosa. Brasília; INAPAZ-CNBB, 2023.

KUZMA, Cesar. Acolher e proteger a fragilidade, promover e integrar na fraternidade: olhando à migração desde a Encíclica *Fratelli Tutti*. In: LUSSI, Carmem; KUZMA, Cesar (Orgs.). *Hospitalidade, comunidade cristã e mobilidade humana*. Brasília: CSEM, 2021, p. 201-225.

KUZMA, Cesar. La eclesiología del Papa Francisco: el rescate de la agenda inacabada del Vaticano II y su recepción en la Exortación Evangelii Gaudium. *Medellin*, Bogotá, vol. XLIII, no. 168, p. 333-346, May./Ago., 2017.

KUZMA, Cesar. Youtubers ou inquisidores, profetismo ou difamação: desafio para a evangelização no universo cultural nas redes sociais. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586308-youtubers-ou-inquisidores-profetismo-ou-difamacao-desafios-para-a-evangelizacao-no-universo-cultural-nas-redes-sociais>>. Acesso em 13/05/2023.

KUZMA, Cesar. Uma Igreja sinodal para superar o clericalismo. In: BRIGHENTI, Agenor (Org.). *O novo rosto do catolicismo brasileiro: clero, leigos, religiosas e o perfil dos padres novos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023, p. 205-218.

PASSOS, João Décio. *Obstáculos à sinodalidade: entre a preservação e a renovação*. São Paulo: Paulinas, 2023.

PASSOS, João Décio. *As reformas da Igreja Católica: posturas e processos de uma cultura em curso*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

ROUTHIER, Gilles. Il rinnovamento della vita sinodale nelle chiese locali. In: SPADARO, Antonio; GALLI, Carlos (edd.). *La riforma e le riforme nella Chiesa*. Brescia: Queriniana, 2016, p. 233-247.

SCANNONE, Juan Carlos. *La teología del pueblo*. Raíces teológicas del papa Francisco. Maliaño: Sal Terrae, 2017.

SPADARO, Antonio; GALLI, Carlos. Prefazione: Una riforma “missionaria” della Chiesa. In: SPADARO, Antonio; GALLI, Carlos (edd.). *La riforma e le riforme nella Chiesa*. Brescia: Queriniana, 2016, p. 5-14.

VATICANO II. *Mensagens, Discursos, Documentos*. São Paulo: Paulinas, 1998.

ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro (Orgs.). *Discernimento moral e benignidade pastoral: para além das incompreensões e resistências à Amoris Laetitia*. Aparecida-SP: Santuário, 2021.

Trabalho submetido em 24/05/2023

Aceito em 15/05/2023

Cesar Augusto Kuzma

Pontifícia Universidad Católica do Rio de Janeiro

Doutor em Teologia e professor-pesquisador do Departamento de Teologia da PUC-Rio, no Programa de Pós-Graduação. E-mail: cesarkuzma@gmail.com